

# humanitas

**Vol. LXV**  
**2013**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

o faz acompanhando a edição das cartas, não só de uma anotação exaustiva como de um estudo preliminar. Este estudo preliminar, o epistolário em castelhano (40 cartas), suas edição e notas são da responsabilidade de Francisco Javier Fuente Fernandez. A parte do epistolário latino (7 cartas), edição crítica e anotação, é da responsabilidade de Juan Francisco Dominguez Dominguez. Esta parte, de bastante menor extensão, integra cartas latinas de Pedro de Valencia, cartas latinas recebidas do impressor Juan Moreto e uma dedicatória de Arias Montano ao humanista. Do epistolário latino apresenta-se a vantajosa edição bilingue com respectivo aparato crítico e notas.

Um pouco desconcertante é o facto de o livro apresentar um bom elenco bibliográfico no fim da parte relativa ao epistolário castelhano enquanto é omissivo em relação ao epistolário latino. É certamente resultado de a obra consistir em dois trabalhos quase independentes e não numa peça ‘a quatro mãos’. No final, a obra apresenta um extenso índice de nomes que facilita o aproveitamento da obra por parte de leitores com diferentes interesses e perspectivas de estudo.

Num total de 47 cartas, de que apenas quatro não são correspondência activa de Pedro de Valencia, este volume oferece ao leitor uma aproximação ao humanista e à cultura do seu tempo. A sua leitura abre acesso a informações relevantes em vários domínios, como é natural no género epistolar. Desde logo no campo da história literária, pois nestas cartas se inclui o que é considerado a primeira crítica literária de Luis de Gôngora. Mas Pedro de Valencia trata dos assuntos mais variados, da filologia à exegese bíblica, da política à economia, passando pelos problemas domésticos de um pai de família. Trata-se, por isso, de uma leitura interessante a vários níveis, quer para um conhecimento mais documentado de Pedro de Valencia quer do Humanismo do seu tempo em aspectos menos estudados.

CARLOTA MIRANDA URBANO

Vieira, Brunno V. G., *Lucano: Farsália, Cantos de I a V*. Introdução, tradução e notas, edição bilingue, Campinas, SP, Editora da Unicamp, 2011, 424 pp., ISBN: 978-85-268-0913-0

A edição com tradução portuguesa destes cinco livros sobre a *Guerra Civil*, de Marco Aneu Lucano, mais conhecida pelo consagrado título de *Farsália*, faz parte do importante projeto de tradução dos dez livros que a compõem, da responsabilidade do Prof. Doutor Brunno V. G. Vieira.

Neste primeiro volume, o texto e tradução vêm precedidos de uma introdução de cerca de 50 páginas, muito bem organizada e documentada, em que se expõem os dados relativos à biografia de Lucano; as matérias ligadas ao poema, começando pelo próprio título, seguido de uma síntese dos assuntos narrados, de uma análise sobre questões de gênero, forma e intertexto e incidindo sobre o tema polémico da simbiose entre poesia e história deste poema épico, e sobre a questão da estrutura e coerência da personalidade do poeta e do seu modo de narrar; e, enfim, um estudo acerca da intertextualidade da *Farsália* em relação a outros autores precedentes, sobretudo a Virgílio, sublinhando a novidade de Lucano relativamente ao modelo tradicional homérico-*virgiliano*, ao banir da sua epopeia a presença diretora do sistema mitológico da narrativa antiga, e ao relatar a sequência dos acontecimentos humanos segundo uma via historiográfica.

As últimas páginas da Introdução estão dedicadas às teorias da tradução, pondo em evidência o conceito de “idioma estilístico” como a via pluriforme de traduzir um texto literário tendo em conta e dependendo das circunstâncias histórico-*idiossincráticas* de cada leitor-*tradutor*.

É nestas mesmas páginas que Brunno V. G. Vieira expõe o método seguido no seu trabalho, pondo de parte a hipótese de traduzir em prosa esta obra de Lucano e explicando as razões por que optou pela tradução em verso metrificado na forma do *dodecassílabo alexandrino*, de longa tradição tanto em poetas de língua portuguesa como em tradutores de obras poéticas para portugueses.

A mesma introdução é apoiada por uma rica bibliografia específica e de referência, criteriosamente organizada e atualizada, que abrange vários setores: traduções e antigos comentários da *Farsália*; outras obras da literatura clássica e suas traduções; estudos científicos sobre língua, literatura e teoria da tradução; e obras especializadas e fundamentais do âmbito da gramatologia e da lexicografia.

Ao recorrer ao verso *dodecassilábico alexandrino*, embora sem a preocupação de obedecer a todas as suas exigências métricas e rítmicas, o tradutor Brunno V. G. Vieira, assumiu uma arrojada tarefa que ele cumpriu com alta competência e sentido estético, consciente das dificuldades e riscos de tal decisão.

Na verdade, sabendo que o latim é uma língua de estrutura muito mais sintética do que o português e grande parte das outras línguas vernáculas, de caráter muito mais analítico, e, por outro lado, tendo o hexâmetro latino um número mínimo de treze sílabas e um máximo de dezassete,

portanto uma média de quinze sílabas (ou mais, se atendermos a que a frequência de pés dáctilos é geralmente superior à dos espondeus), torna-se tarefa verdadeiramente impossível enquadrar uma tradução portuguesa de métrica alexandrina no mesmo número de versos do correspondente poema hexamétrico-dactílico latino.

É verdade que, a este propósito, o tradutor faz na sua introdução (p. 61) o seguinte esclarecimento: “Não seguimos estritamente o critério de verter o texto latino pelo mesmo número de versos portugueses, mas não podemos negar que idealmente adotamos esse parâmetro como baliza”. E de facto, na prática, esse ideal foi quase atingido, porquanto verificamos que os 3.826 versos latinos destes cinco cantos da *Farsália* (descontados os versos “436-440” do Canto I considerados espúrios e, por isso, não transcritos no texto, mas estranhamente contados para efeito de numeração), foram traduzidos em 4.030 versos portugueses, o que corresponde a um insignificante aumento de cerca de 5,3%, quando sabemos que um texto latino traduzido sem peias métricas para português resulta num aumento médio de espaço de cerca de 20%.

Estes constrangimentos métricos e espaciais levaram o tradutor a procurar uma expressão contida, recorrendo a vocabulário curto ou reduzido (do tipo de pasmo, semelho, inda, imigo, “embaixo” por “embaixado”, des que, etc.) e a latinismos como prélio, nubífero, belaz, segures (substantivo), mílite, frugíferos, imbeles, morrente, cimba, estupor ( $\approx$ torpor), monstricida, moritura, dicado, imoto, minaz, infida, inaccessa, hiemal, inexpertas, equóreo/a, labefactas, nuvioso, e “nem não” (que traduz a *necnon* de sentido afirmativo enfático), ou a formações latinizantes (algumas bem conseguidas), como bracirroto, erosinado, longirrolantes, onirrompente, turbinar; e bem assim, usando frequentemente da transposição ou hipérbato não apenas para efeito estético e rítmico mas também para reduzir o número de sílabas por ação da sinalefa, com os riscos de ambiguidade que essa inversão acarreta; e ainda, num ou noutro caso, arriscando até o abandono de alguns valores semânticos do texto original.

Só nas páginas 84-85, que contêm os versos 87-101 do Canto I, encontramos mais que um exemplo de alguns dos riscos atrás mencionados.

Assim, no texto do verso 87 “*O male concordēs nimiaque cupidine caeci*”, vertido na belíssima forma, mas algo infiel, “Ó parceiros de nada, cegos de cobiça!”, faltou traduzir o conteúdo semântico de *nimia*, que poderia ser incluído, mesmo dentro do esquema do dodecassílabo, desta maneira: “Ó desavindos, cegos de extrema cobiça!”

Exemplo de alguma ambiguidade e de nova lacuna são os seguintes versos 89-91 do mesmo Canto I:

[...] *Dum terra fretum terramque leuabit  
aer et longi uoluent Titana labores  
noxque diem caelo totidem per signa sequetur,*

traduzidos por:

*“Enquanto o mar a terra sustiver e o céu  
terra, e se mover Titã-Sol sem descanso  
e a noite seguir, no alto, o dia pelos signos,”*

A ambiguidade, para um leitor não ilustrado na dinâmica astral, está em não ficar bem claro, nos versos 89-90 da tradução portuguesa, quem sustém o quê. Por outro lado faltou traduzir o adjetivo indeclinável *totidem*, cujo significado viria dar muito mais força à tradução portuguesa, por estabelecer com o verso anterior uma fundamental correlação semântica e completar o seu próprio sentido na medida em que afirma que os signos zodiacais são os mesmos em número tanto para o Sol (de dia) como de noite (para a Lua). Numa tradução liberta do espartilho de qualquer esquema métrico obrigatório, isto é, em verso livre, que não deixa de ser poético pois tem o ritmo resultante da cadência e musicalidade próprias de cada palavra e da sua sintaxe, poderíamos propor as seguintes alterações:

*“Enquanto ao mar a terra sustiver e à terra o céu,  
e os longos círculos fizerem girar o Titã-Sol,  
e a noite seguir, no alto, por outros tantos signos,”*

Finalmente, a tradução da seguinte parte dos vv. 101-102 do mesmo Canto I, [...] *qualiter undas / qui secat et geminum gracilis mare separat Isthmos / Nec patitur conferre fretum*, além de não traduzir parte de uma das três frases do texto, apresenta uma transposição da palavra “Istmo” tão forçada, que choca qualquer leitor desprevenido:

*“[...] Como o pequeno, que separa o gêmeo  
mar, Istmo, e que não deixa mesclarem-se as ondas,”*

Uma proposta de melhor fluência e clareza, e que não deixa nada de fora, poderia ser, por exemplo:

“[...] Como o fino Istmo que as ondas divide  
e o gémeo mar separa e o pego unir não deixa,”

Outros exemplos desta e de outra ordem podem encontrar-se ao longo do poema. Na impossibilidade de os mencionar a todos, referiremos apenas alguns dos mais significativos. Assim, em I, 147, o termo *temerando* deveria ser traduzido por “sanguinário” ou “ensanguentado” (em rigor e em sentido pregnante: “manchado de sangue”); em I, 430, *bracis* talvez merecesse ser traduzido por “bragas”, em homenagem ao ditado português “Não se pescam trutas de bragas enxutas”; em I, 456-457, em atenção ao amplo significado de *artus*, a respetiva frase poderia ser “a mesma alma os membros / em outro mundo move” sem perturbar o esquema métrico; em II, 52-53, para manter o sentido de *reddite* do verbo *reddere* (tornar, devolver, transformar) e não confundir com *redite*, de *redire* (vir de novo, voltar, regressar), parte dos versos poderia ser vertida assim: “Façam-nos / inimigos do mundo: fora a civil guerra.”; em II, 144, para tornar mais clara e rigorosa a ideia de poder sobreviver (*possent superesse*), a tradução poderia ser “mas quando só culpados já viver podiam”; em III, 287-8, para distinguir o valor qualitativo de *tantus* (tão grande, tamanho) do valor quantitativo de *tot* (tantos, tanta quantidade de), a primeira parte do verso 448 da tradução poderia ser “com tamanhas naus”; em IV, 313, a frase “nas reses prenhes se amamentam” que traduz *distentas siccant pecudes* (uma clara influência virgiliana: vd. *Bucólicas* 4, 21; 7, 3 e 9,31), torna-se, no mínimo, ambígua, porquanto o conceito de “prenhe” aplica-se às fêmeas grávidas, que só dão leite depois da gravidez, e por isso, o verso inteiro poderia ser traduzido por “Qual feras, secam das reses as tetas cheias”.

Importa anotar também um conjunto de casos de ortografia onomástica que não segue a registada nos vocabulários considerados linguisticamente corretos, que o tradutor diz ter consultado, designadamente o Índice de *nomes próprios...* de MHTC Urenã Prieto *et alii*. Fazem parte desse grupo os seguintes nomes: Épiro, por Epiro; Dion, por Díon; Mitrídates, por Mitridates; Hipodâmia, por Hipodamia; Nemete, por Némete; Teutate e Teutato, por Teutates; Érebro, por Érebo; Dion Crisóstimo, por Díon Crisóstomo; Lamprinio, por Lamprídio; Artêmis, por Ártemis; Enió, por Énio; Helicon, por Hélicon; Citeron, por Citéron; Ataman, por Átaman; Iulo, por Iúlo; Abila, por Ábila; Pirinéus, por Pirenéus; Jáder, por Iáder; Curites, por Curictes; Massinissa, por Masinissa; Cesáres, por Césares;

Sadala, por Sádala; Irânime, por Inárime; Sipunto, por Siponto ou Sipunte; Hapso, por Apso; Eolo, por Éolo; Lisse, por Lisso; Nifeu por Ninfeu; Lacial, por Laciár (variante preferível, por respeito para com o texto latino).

Além destes casos há mais os seguintes, cujo desvio de acento tónico é justificado pela liberdade poética de atender às exigências da métrica ou do ritmo: Bituriges, por Bitúriges, I, 442, por causa do acento rítmico; Cétego por Cetego, II, 544, Céfiso por Cefiso, III, 174, e Taigeto, por Taígeto, V, 52, em razão da métrica; e Piton, por Pítón, V, 80, justificada pela métrica e pela expressa opção do tradutor.

É possível que alguns destes desvios sejam apenas devidos à mão tipográfica.

Existem, também, várias outras falhas tipográficas das quais basta registar apenas, no texto latino, a falta dos vv. 107-108 do Canto I.

Feitas estas observações e reparos, importa dizer que tudo isto não passa de pormenores, de casos pontuais e de minudências perante o notável trabalho de tradução e pesquisa, em que o tradutor revela um profundo conhecimento da língua de partida, o latim, e um domínio invulgar dos escaninhos da língua portuguesa, demonstrado no recurso a um considerável manancial de palavras raras e também na composição de neologismos segundo as regras da matriz latina do português.

Além disso, tendo optado pelo exigente modelo da poesia metrificada, com suas virtudes e seus riscos, soube, a todo o tempo, lutar contra as dificuldades e os constrangimentos que ela implica e conseguiu um resultado final que, apesar das pequenas lacunas, se impõe pelo seu alto valor científico e estético.

Esta tradução da *Farsália* de Lucano traz aos povos de cultura novilatina em geral, e sobretudo ao espaço dos falantes de língua portuguesa, um instrumento de inestimável valor para o incremento do estudo e apreciação de um poeta clássico da língua latina que tem sido lamentável e imerecidamente secundarizado e esquecido.

Esperemos que o leitor moderno, apesar dos seus novos saberes e sabores poéticos, diferentes do mundo clássico, e formado e habituado a novos ritmos, encontre nesta tradução um encanto renovado que o atraia, pela diferença, também para estas cadências poéticas.